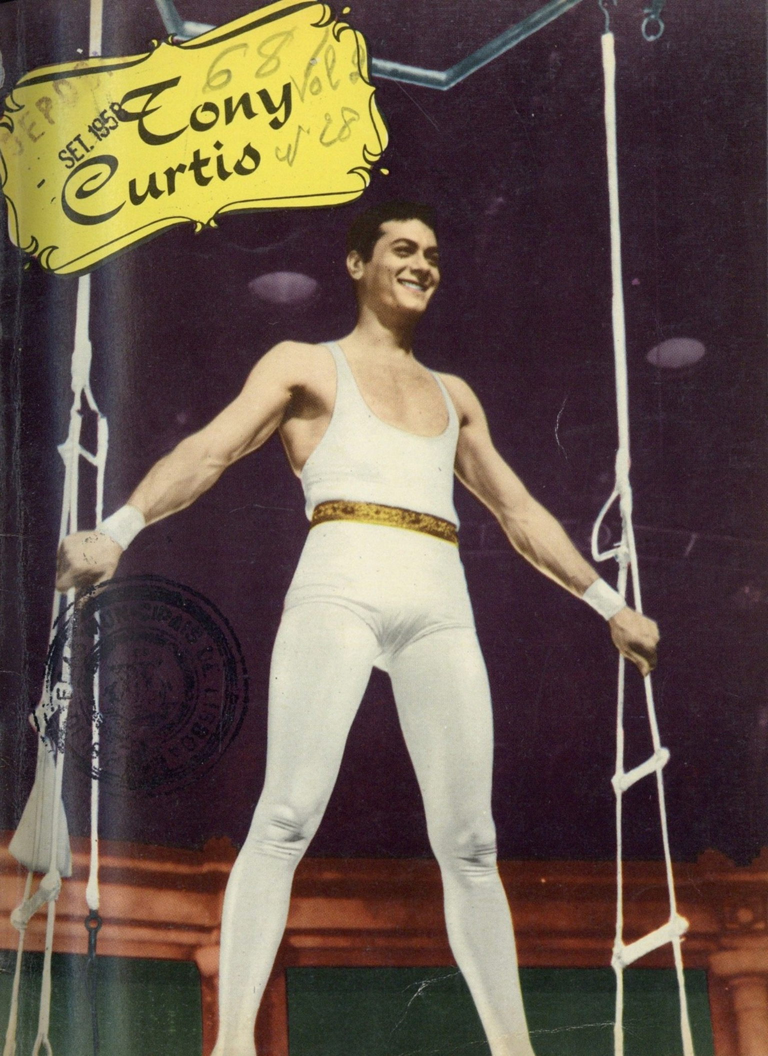

SET. 1958
Tony Curtis

ALBUM DOS ARTISTAS

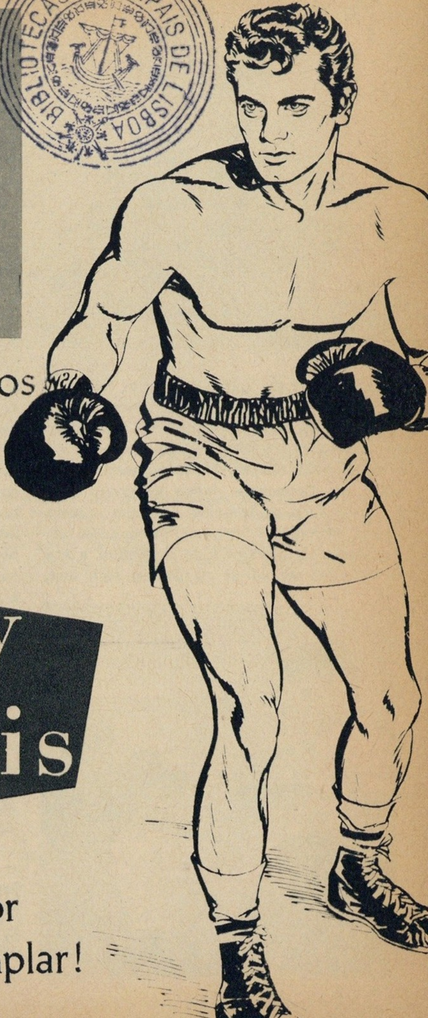
(2.º Volume — Fasc. 28)

Edição de Aguiar & Dias, L.da — Todos os direitos reservados para Portugal, em conformidade com a lei, na apresentação, disposição e conjunto da obra. — Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones: 668639/668684 — LISBOA (Portugal) — Composto e impresso nas oficinas Bertrand (Irmãos), L.da Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa

vencendo os perigos
de uma infância
desamparada

Tony Curtis

tornou-se um actor
e um marido exemplar!

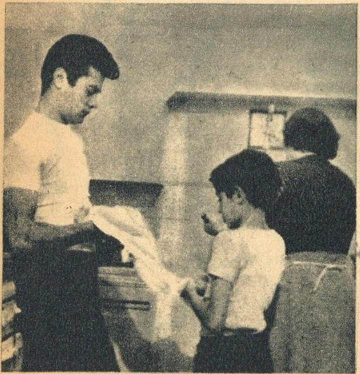




Tony Curtis esteve prestes a seguir o caminho de tantos jovens nos Estados Unidos: a delinquência. Ninguém, no bairro Manhattan, ignorava as tropelias de que era capaz. Porém, graças a uma amigo de seu pai, ele começou, a pouco e pouco, a descobrir a força dos sentimentos humanos. Isso tornou-o mais fiel ao lar, onde os pais e o irmão mais pequeno se esforçavam por lhe acalmar os ímpetos juvenis.

TONY Curtis, cujo verdadeiro nome é Bernie Schwartz, nasceu num bairro pobre de Nova Iorque — Hell's Kitchen, na vizinhança de Bronx — no dia 3 de Junho de 1925. O pai, Mono Schwartz, fora actor em Budapeste, tendo emigrado para E. U. por falta de trabalho. Contudo, a sorte não o favoreceu e, impossibilitado pelas dificuldades de pronúncia de prosseguir a sua carreira teatral, viu-se obrigado a abrir uma loja de alfaiate para poder viver e manter a família. Tony era ainda bebé quando se mudaram para Manhattan.

Criado na pobreza, no meio da garotada das ruas de Nova Iorque, Tom depressa aprendeu a lutar com os punhos, com os pés ou qualquer coisa que encontrava à mão. Com os rapazes mais velhos andava de noite pelas ruas, desafiando a polícia e provocando o maior número possível de sarilhos e conflitos com o intuito de provarem que já eram homens e nada lhes metia medo. Aos 11 anos era membro de um bando juvenil dos mais difíceis de Manhattan, muito próximo da delinquência. Em compensação, aos 12 anos tornou-se escuteiro, passando as suas férias de verão em acampamentos, corrigindo, por meio de uma vida sã, os erros dos primeiros anos da sua infância. O responsável por esta súbita regeneração foi um homem chamado Paul Schwartz. Tony conheceu-o quando foi levado, juntamente com outros rapazes, a uma casa de correcção, para «tratamento». Aí, Schwartz, habituado a lidar com a rapaziada das ruas, soube falar-lhes a sua própria linguagem, convencendo-os, ou pelo menos convencendo Tony, de que o que fazia um homem eram a honestidade e o respeito por si mesmo. Ainda hoje Tony sente uma enorme gratidão por esse homem que transformou tão radicalmente o curso da sua vida.



Dessa transformação espiritual por que Tony Curtis passou, saiu um jovem desempoeirado e sem preconceitos, que não tinha vergonha de ajudar a mãe na cozinha, limpando os talheres e os pratos com a colaboração do irmão...



A entrada de Tony Curtis no cinema não se deu nas condições que bafejam, por vezes, a carreira de artistas anónimos, transformando-os, de um dia para o outro, em celebridades mundiais. Pelo contrário, Tony percorreu o caminho difícil dos figurantes, participando em oito filmes antes de obter uma oportunidade à altura dos seus méritos. Ei-lo numa cena de «Johnny, o denunciante», no papel anónimo de um dos «gangsters» da quadrilha...

No entanto, nesses primeiros tempos, Tony não chegou a praticar actos de tal maneira graves que lhe valessem a entrada na cadeia, excepto uma vez quando roubou ...um eléctrico e o conduziu durante uns três ou quatro quarteirões; mas teve a sorte de conseguir fugir sem ser apanhado.

Houve uma altura em que Tony engraxava sapatos por 5 tostões. Porém, mercê do seu espírito combativo, começou a ganhar, tempos depois, 12 dólares semanais numa fábrica de vassouras.

Estudou no Instituto de Belas Artes de Nova Iorque e a mãe ainda conserva orgulhosamente um quadro que ele lhe ofereceu quando tinha 14 anos e que intitulou «Retrato de uma dor de dentes», o qual pintara após uma desagradável experiência no dentista. Tony recorda-se de que, quando o mostrou à mãe, ela exclamou: «Que lindo! O que é?».

Aos 18 anos, quando faltavam apenas seis meses para terminar o seu curso na Seward Park High School em Nova Iorque, tendo rebentado a segunda Grande Guerra

Mundial, Tony alistou-se na marinha. Serviu dois anos a bordo de um submarino, até que um dia, quando ajudava a carregar torpedos em Guam, a corrente do cabrestante atingiu-o na coluna vertebral, paralizando-lhe ambas as pernas. Esteve 4 semanas num hospital, após o que foi desmobilizado. Depois de estar sujeito a tratamento durante mais algum tempo, voltou a Seward Park para completar a sua educação. Aí lhe veio o desejo de ser actor, começando a estudar arte dramática. Um ano depois ligou-se a uma companhia de «tournées» onde ganhou alguma experiência. Porém, a sua grande oportunidade surgiu em Greenwitch Village, onde interpretou o principal papel na peça «Golden Boy». Do auditório fazia parte Robert Goldstein, descobridor de talentos da Universal, que no dia seguinte chamou Tony para uma entrevista. Três dias mais tarde, mal podendo crer em tamanha felicidade, Tony embarcava num avião de luxo com rumo a Hollywood e à fama. No aeroporto esperava-o uma brilhante «limousine»



do estúdio que o conduziu a um apartamento de luxo num hotel de categoria.

— «Sentia-me como um rei — recorda hoje Tony aos amigos — dormindo até tarde e tomando o pequeno almoço na cama. A única nota triste era não ter mais do que quatro dólares na algibeira».

Logo que soube que o seu salário no estúdio seria de 100 dólares por semana, sujeito a muitos e variados descontos, Tony apressou-se a procurar alojamento numa pensão barata, no que procedeu com acerto e consciência. O seu primeiro cheque como actor totalizava assustadoramente 17 dólares, mas isso não o perturbou nem envaideceu...

Tony não chegou a Hollywood com a noção errada de que as ruas estivessem pavimentadas de oiro, mas com humildade sabendo que o seu próprio talento era uma gota de água numa cidade que era um oceano de talentos. Uma cidade de sonho onde «talvez» viesse um dia a alcançar êxito.

Aproveitando ao máximo o curso completo que a Universal proporcionava aos actores novos, e que incluía arte dramática, canto, educação física, equitação e pantomima, Tony trabalhou afincadamente, animado pela vontade de se aperfeiçoar e de vencer.

Enfrentou pela primeira vez as câmaras cinematográficas numa pequena parte do filme «Criss Cross», em que dançava com Yvone de Carlo. Mas o seu nome não figurava no elenco, e Tony continuou ignorado. Porém, quando pouco depois lhe coube um papel mais importante no filme «City Across the River», as cartas de admiradoras começaram a chover. Seguiram-se outros papéis de pequena importância mas em breve as cartas eram tantas, suplantando em número as de alguns actores já consagrados, que os

Enquanto não começou a ganhar como actor de primeiro plano, Tony viu-se obrigado a vestir segundo os figurinos de sua mãe, a costureira mais hábil que ele encontrou até hoje... Ei-lo provando um casaco «sport» com a mamã Schwartz, pouco tempo antes de alcançar a fama...

estúdios viram-se em face de um problema: era preciso fazer qualquer coisa. E fizeram realmente, jogando tudo por tudo no importante filme «O Príncipe Ladrão» (The Prince Who Was a Thief), cujos principais papéis foram entregues a dois artistas igualmente novos e inexperientes: Tony Curtis e Piper Laurie. Um grande risco que obteve resultados inteiramente compensadores. Na noite da estreia choveram aplausos entusiásticos dos «fans», a que se aliaram os dos próprios produtores.

Unânimemente aclamado, Tony Curtis, o garoto que vagueara pelas ruas sombrias de Bronx, tornara-se, de um dia para o outro, um «astro» no mundo do cinema.

Ainda o filme «O Príncipe Ladrão» não entrara em rodagem e já as pessoas que até aí não o convidavam para coisa alguma nem se davam ao incómodo de lhe sorrir, o cumprimentavam amistosamente. Pouco depois, Tony passava a figurar nas listas de convidados de todas as festas e reuniões elegantes.

De um dia para o outro passou a ser conhecido por todo o pessoal de Hollywood — jornalistas, publicistas, argumentistas, argumentistas, criados e empregados de parques de estacionamento. Todos reagiram da mesma maneira a seu respeito: gostavam dele, achavam-no simpático e esperavam que o êxito não lhe subisse à cabeça, como acontece na maioria dos casos.

Tony tinha uma personalidade nova e refrescante. O seu entusiasmo pela vida, o seu riso espontâneo e franco, o prazer que mostrava ao relatar os incidentes da sua infância agitada nas ruas de Nova Iorque, com um sotaque muito especial e uma fraseologia que só podia ter vindo de Bronx... tudo isto contribuía para o tornar simpático e estimado, ao mesmo tempo que,

Finalmente, no verão de 1951, a grande oportunidade chegou!... Tony agarrou-a com unhas e dentes, dando ao seu papel «O Príncipe Ladrão» o dinamismo e a audácia que lhe abriram as portas do sucesso. O filme obteve tanto êxito na América que Tony Curtis e Piper Laurie viram os seus nomes consagrados como o mais sensacional par romântico do ano. Não tardou que a Universal lhes desse mais dois filmes para actuarem juntos.





«O filho de Ali-Babá» inspirou-se nos mesmos motivos de «O Príncipe Ladrão»: o fausto do Oriente, os costumes bárbaros, a tirania dos déspotas e um romance de amor das mil e uma noites... Tony e Piper voltaram a deliciar, cada um por seu lado, os dois sectores do público...



pelos grandes contrastes que haviam de surgir em breve na sua vida, o punha à mercê de toda uma série de críticas e comentários.

Ao princípio, muito pouco seguro de si, Tony patenteava nas suas entrevistas o temor de ofender alguém ou de não mencionar qualquer dos nomes das pessoas que o tinham ajudado a subir. Fazia questão de dizer que era o mesmo rapaz simples que sempre fora, e isto tirava a espontaneidade natural das suas conversas.

Com as raparigas, Tony via-se um tanto ou quanto atrapalhado. Pouco habituado a lidar com o sexo fraco, quando se viu em Hollywood rodeado de tantas caras bonitas, não sabia para que lado se voltar. Começou a sair ora com uma ora com outra sem fixar a sua atenção em qualquer delas. No fundo, foi uma época de desilusões. Tony era um rapaz tímido, espontâneo e nada complicado. Desconhecia as regras da diplomacia e as pequenas mentiras de sociedade. A sua franqueza assustava as raparigas que o acompanhavam, e ele sentia-se ferido ao descobrir nelas qualquer falta de sinceridade, o que acontecia frequentemente. Hoje Tony admite que muitas vezes se tenha ofendido sem razão, mas a fa'ta de segurança que tinha em si próprio tornava-o desconfiado.

Numa festa a que assistiu nos seus primeiros tempos em Hollywood, apresentaram-lhe uma rapariga que achou diferente de todas as outras e pe'a qual se sentiu instantâneametne atraído. A festa, que até então lhe parecera insípida, ganhou de súbito um interesse novo. Além de muito bonita, a pequena era extremamente simpática, expansiva, afectuosa e nada afectada. Chamava-se Janet Leigh. Ela também gostou logo daquele rapaz tão atraente, de olhos azuis um tanto ingénuos e uma madeixa de cabelo preto, encaracolado, caindo-lhe sobre a testa, simples, franco e entusiasta, que a olhava com um interesse que não procurava ocultar.

«Logo nessa noite — confessou Tony mais tarde — desejei convidá-la para sair comigo; mas disseram-me que costumava sair com outro rapaz e só a convidei dois anos mais tarde, quando soube que estava livre. Para mim, esta certeza era o mais importante. Saber que Janet queria estar comigo por mim e não para provocar os ciúmes doutro qualquer».

Dois anos depois, já o nome de Tony Curtis se tornara mundialmente conhecido. Perdera o sotaque vulgar de Bronx e adquirira, graças ao seu esforço e perseverança, todos os conhecimentos que lhe faltavam: a esgrima, o boxe, a dança, a prática de quase todos os desportos, a fim de poder desempenhar fisicamente todo e qualquer papel. Aprendera também a declamar e a articular, pois os garotos de Nova Iorque são como os de qualquer outra parte: pronunciam mal, «comem» as palavras, «mastigam» as sílabas.

Depois, chegara a vez do que se pode chamar a «educação mundana»: «cocktails», jantares, recepções de toda a ordem e estreias de gala. Nessa altura, ele já amava Janet Leigh, cuja ajuda se lhe tornaria preciosa, comunicando-lhe a sua própria segurança, mostrando-lhe que uma multidão é mais simpática do que assustadora, e que, sem ela, não se pode saborear as delícias da popularidade...

Mas voltemos ao princípio... Janet e Tony voltaram a encontrar-se numa outra festa e, nessa altura, os seus corações entraram num ritmo mais acelerado. Tony achou-a tão encantadora ou mais que da primeira vez,

O terceiro filme com os dois artistas intitulou-se «O noivo não tem quarto», apresentando, em relação aos anteriores, a novidade de uma história passada no nosso tempo... Comédia cheia de graça e de movimento, o público riu a bandeiras despregadas com as desventuras do noivo atacado de bexigas na noite de núpcias e que, dez meses depois de casado, estava ainda solteiro...





Simples, sociável e camarada, Tony conquistou depressa amigos, tornando-se o companheiro mais desejado por todos os artistas de Hollywood. Ei-lo com Ginger Rogers e William Holden, divertindo-se com um jogo de cartas...

mas verificou estar longe de ser o único a ter essa opinião. Os rapazes afluíam de tal maneira à volta de Janet que Tony encontrou sérias dificuldades para conseguir falar com ela a sós, para convidá-la a sair com ele — isto depois de se ter certificado de que não havia «mouro na costa»... Janet aceitou o convite de bom grado e nessa mesma noite foram dar um passeio de barco. Estava uma noite quente e romântica a que não faltava o imprescindível luar. Conversaram longamente, trocaram impressões, fizeram confidências e chegaram à conclusão de que se compreendiam e eram felizes na presença um do outro. Tony nunca se sentira tão apaixonado e ao vê-la assim, tão bonita e atraente, banhada pelo luar, não resistiu à tentação de a atrair a si e de a beijar. Foi este o princípio de um romance de amor que ainda hoje, sete anos depois, se mantém inabalável.

Tony encontrou em Janet a companheira ideal e nunca mais pensou em sair com outras raparigas.

— Ao princípio de nos conhecermos — conta Janet — Tony não me acreditava inteiramente quando eu lhe explicava a razão porque o meu nome aparecia ligado ao deste ou aquele rapaz. Tive que lhe fazer ver que em Hollywood duas pessoas podem estar numa festa com outras trinta, mas que os jornais acabam sempre por se referirem aos dois como se estivessem sòzinhos.

Tony confessa que era ciumento e queria Janet só para si, temendo perdê-la. Namoraram-se durante seis meses, pois não queriam casar sem estarem absolutamente seguros dos seus sentimentos, e sem que Tony

Numa das festas para que, constantemente, era convidado, Tony conheceu Janet Leigh e, a partir daí, Hollywood não viu casal mais louco e mais feliz...

tivesse uma situação mais estável que lhe permitisse ser chefe de família, visto que nunca se conformaria a viver à custa da mulher, que, nessa altura, ganhava muito mais do que ele.

Durante esse namoro, bastante longo num país como a América, procuraram compreender-se e adaptar-se perfeitamente ao feitio um do outro, do que só resultou vantagens para ambos.

Nessa altura, eles escreveram para várias revistas de cinema inúmeros conselhos baseados na sua própria experiência e que, dados os bons resultados obtidos, talvez ainda possam ser úteis aos leitores actuais.

Esses conselhos eram apresentados sob a forma de diálogo:

— «Num namoro deve haver completa honestidade — dizia Tony. — Em tudo, até nas mais pequenas coisas, porque, se assim for, nas coisas verdadeiramente importantes não haverá perigo de mal-entendidos, pois existirá perfeita confiança entre um e o outro».

— «Tony ensinou-me a telefonar sempre que surgiam complicações — informava Janet. — Eu pertenço ao tipo de raparigas que perdem tempo em tudo e em nada. Combino estar num sítio dentro de meia hora e sem dar por isso distraio-me a fazer isto ou aquilo e passa uma hora ou mais. Nunca tinha pensado que isto pode magoar as outras pessoas. É que se uma pessoa diz que aparece às 4 e só está às 5, a outra pode pensar que morreu atropelada ou qualquer coisa do género. Tony preocupava-se quando eu chegava atra-





O namoro prendia-os de tal modo que começaram a partilhar tudo o que dizia respeito a família de um e de outro. Ei-los, sorridentes e felizes, lendo uma carta que Janet tinha recebido da família, sobre os boatos que corriam acerca de um possível casamento...

sada. E tivemos zangas por causa disso, até que ele me fez ver, com muita razão, que quando se ama alguém não se esquece essa pessoa por causa de qualquer coisa que se esteja a fazer.

Tony interrompia-a para dizer:

— Janet ensinou-me a desabafar quando qualquer coisa me aborrece ou magoa. Costumava guardar reserva quando me zangava por qualquer motivo e quanto mais remoia mentalmente no caso, mais grave parecia tornar-se. De certo modo, antes de conhecer Janet, estava sempre na defensiva, sempre pronto a fechar-me dentro de mim próprio.

Nesta altura Janet tomava a palavra:

— Essa atitude pode magoar qualquer pessoa, mas também podemos ser magoados procedendo de maneira inteiramente oposta, como eu fazia antes de conhecer Tony. Confiava em toda a gente e acreditava sempre no que me diziam. E assim quando, ocasionalmente, descobria que a pessoa não fora sincera, sentia-me infeliz.

Portanto — prosseguia Janet — uma das regras de namoro que praticamos muito sèriamente é o esforço de nos compreendermos e expressarmos exactamente aquilo que sentimos. Muitos rapazes e raparigas cometem o erro de fazer crer que tudo são rosas quando estão juntos. Esforçam-se por se mostrarem alegres e sorridentes quando no fundo têm alguma preocupação ou desgosto. Claro que ao fim de um certo tempo o outro descobre que aquela alegria é forçada e, ignorando o motivo, pode ficar desconfiado. Se tiverem o bom-senso de contar o que lhes aconteceu, terão alguma coisa para compartilhar. E essa é a melhor parte, não só do namoro como do casamento: a circunstância de porem qualquer coisa em comum. De certo modo, a alegria pode ser compartilhada com toda a gente. Mas é só com as pessoas mais queridas e chegadas que desabafamos as nossas preocupações e os nossos problemas.

— Também não devemos ser demasiado rígidos — acrescentava Tony — nas nossas atitudes ou planos. Uma noite, Janet e eu tínhamos bilhetes para uma «première». À última hora faltou-me a disposição e disse-lhe que me apetecia muito mais ir à praia, se ela estivesse de acordo. Fomos, e eu apreciei extraordinàriamente o facto de ela não se mostrar aborrecida, por um momento sequer, com a mudança de planos.

Na opinião de Janet, a maneira de duas pessoas saberem que estão apaixonadas é descobrirem de repente que o que dá prazer ao outro é o que realmente desejam fazer.

— Isto é que é amor — concluía Tony. — Quando a felicidade não depende do facto de se gastar muito dinheiro, de ter muitos fatos e de dizer uma data de mentiras, mas apenas de estarmos juntos e sermos inteiramente nós próprios. Isto é que é o amor!

Como os anos têm provado, Tony tinha razão ao afirmá-lo.

Mas não nos precipitemos...

Em solteiro, Tony vivia com os pais e com o irmão Bobby, muito mais novo do que ele. Foi sempre muito dedicado à família, e um dia levou Janet lá a casa para os conhecer. Foi um êxito. Ela sentiu-se imediatamente à vontade, como se já os conhecesse de longa data, e todos ficaram irremediàvelmente conquistados pela sua figura irradiante de simpatia e simplicidade. A senhora Schwartz, que ignorava por completo as intenções do filho, desejou secretamente que aquela encantadora rapariga viesse a ser sua nora, pois o seu instinto lhe dizia que ela era absolutamente capaz de fazer o filho feliz. (Mais uma vez se provou que o instinto das mães raramente falha...).

Ficou radiante quando soube que eles tencionavam casar. Os pais de Janet, por outro lado, aprovaram inteiramente a escolha da filha depois de conhecerem o futuro genro.

Porém, a aprovação não foi geral. Algumas das pessoas mais importantes de Hollywood tinham a firme convicção de que o casamento entre os dois, naquela altura, seria um rematado disparate, pelo grande prejuízo que causaria à popularidade de ambos. E assim, tentaram adiar o casamento indefinidamente, chegando a dizer a Janet que se ela amava Tony verdadeiramente, devia renunciar a casar com ele, pelo menos nos tempos mais próximos. Tudo isto os enervava e revoltava e, para acabar de vez



A Paramount pediu Tony emprestado à Universal para produzir um filme com o casal mais simpático da América. Nasceu assim «Houdini, o grande mágico», em que Tony e Janet trabalharam pela primeira vez juntos. Na imagem acima, Janet (um pouco assustada...) mete-se dentro da caixão que dentro em pouco vai ser cortado pelo mágico... O pessoal do estúdio e, especialmente Tony, parecem divertidos...



Pronto, a tarefa começou e Janet ouve, arrepiada, as exclamações de Tony enquanto maneja a serra para a frente e para trás... Claro, não passou de um susto sem importância, porque, pouco depois, entre beijos e carinhos recompensadores, ela esqueceria tudo...

Em «Dupla Vitória», Tony teve um excelente papel dramático na figura de um pugilista surdo-mudo, disputado por duas mulheres. Uma (Jan Sterling) era loira e perigosa. A outra (Mona Freeman» compreendia o seu tormento e oferecia-lhe juventude e beleza. A cena final quando Paul começa a pouco e pouco a ouvir apregoar os jornais, anunciando a sua vitória, é das mais emotivas na carreira de Tony.





com as opiniões e comentários, resolveram casar longe de todos e no mais curto espaço de tempo.

— Cheguei à conclusão — disse Tony mais tarde — que teria de saber de uma vez para sempre se o público gostava de mim como actor. Sabia que não podia viver a minha vida para dar satisfação aos outros, mas sim para dar satisfação a mim próprio.

Janet e Tony casaram em Geenwitch, Connecticul, no dia 4 de Junhod e 1951. O padrinho foi Jerry Lewis, o melhor amigo do casal, que chegou com duas horas de atraso...

Foi um casamento com muitos beijos, boa disposição e incontidas gargalhadas, para o que muito concorreram as palhaçadas de Jerry Lewis.

Eram apenas 15 pessoas, que regressaram a Nova Iorque em três automóveis, dos quais o da frente transportava os noivos. Ao passarem em Bronx, Tony lembrou-se que tinha uma tia que vivia ali nas reredondezas.

— Queres ir vê-la? — perguntou à mulher.

— Terei imenso prazer — respondeu Janet.

A mania de carregar ao colo...

Todos os artistas têm as suas manias. Quando solteiro, Tony não fugia à regra, e sempre que aparecia em público tomava airosamente uma atitude atrevida, mas muito apreciada pelos «fans»... As imagens publicadas nesta página falam por si mesmo e dizem das «partidinhas» em que Tony era «useiro e vezeiro»...



Para agradecer as aclamações de que era alvo, pegava em Janet Leigh ou em Piper Laurie ao colo e, claro, os aplausos redobravam de entusiasmo. Interrogado sobre esta mania, Tony confessa hoje que tudo começava por não saber onde pôr as mãos, diante de um público que não cessava de o aplaudir. Uma vez as mãos ocupadas a segurar as «partenaires», o problema ficava resolvido



Tony Curtis tem diversos «hobbies» entre os quais a pintura a óleo e a fotografia. Faz colecção de camisas, tendo ao todo 43, e de discos de «jazz», enquanto Janet prefere coleccionar música clássica. É capaz de percorrer 50 milhas para ver uma velha comédia dos irmãos Marx. A sua ideia de um dia bem passado é ir para a praia ler ou pintar. Quando esteve na Europa, nos princípios de 1957, Tony aprendeu a apreciar a verdadeira arte e espera um dia vir a comprar originais a óleo dos grandes mestres da pintura.

Tony mede 1 metro e 78, pesa 71 quilos, tem cabelo preto ondulado e olhos azues.

Sabe falar húngaro e tem especial predilecção pela comida húngara feita pela mãe. Detesta pessoas despóticas. Quando andava na escola, tinha um companheiro mais velho e calmeirão, que gostava de dar ordens a torto e a direito, batendo-lhe à mínima oportunidade. Tony odiou-o secretamente até ao dia em que foi desmobilizado da marinha. Nessa altura dirigiu-se ao velho bairro onde ele morava e sentou-se nos degraus da entrada da casa, à espera que saísse. Cinco horas depois, o déspota, agora um homem feito, surgiu na sua frente. Tony desfechou-lhe um directo aos queixos com tal força que o sujeito foi ao chão, aí ficando com o ar mais surpreendido deste mundo, com a boca a sangrar. Tony olhou-o por uns momentos e depois afastou-se sem dizer palavra. Naquele instante, todo o ódio que trazia reprimido desvaneceu-se para sempre.

A tia de Tony estava sentada à soleira da porta como era seu hábito, e caiu das nuvens ao ver três «Cadillacs» parados à sua porta.

— Bernie — gritou — vens de algum funeral?

O sobrinho riu com vontade e apresentou a sua linda noiva.

Minutos depois dirigiram-se para o Hotel Waldorf. E, nesse mesma noite, houve uma pequena festa de casamento no «Esconderijo de Dany» só para os amigos dos recém-casados. Tony fez discursos. Janet, louca de felicidade, beijava toda a gente. O champanhe correu a rodos. Foi um jantar de casamento inesquecível para todos.

★

Quando perguntaram a Janet pela lua-de-mel, ela respondeu:

— Grande lua-de-mel! Três dias em Nova Iorque. Quatro dias na casa de praia de Howard Duff. Um dia aqui, outro dia ali. Ninguém teve a culpa, mas o que é certo é que parecia haver uma grande conspiração contra Tony e contra mim. Casámos em Connecticut. Tivemos três dias maravilhosos em Nova Iorque — no Waldorf Astória. Foi uma coisa divina. E o estúdio pagou! Tony estava nessa altura em Nova Iorque numa campanha publicitária do filme «O Príncipe Ladrão». Quando voltámos à Califórnia e começámos à procura de um apartamento, os preços estavam pela hora da morte. Não tínhamos mobília e, por isso, fomos obrigados a alugar um apartamento mobilado. Como precisávamos a todo o custo de um sítio para morarmos, tivemos que alugar o primeiro que apareceu. Passámos um fim de semana juntos e depois tive que ir trabalhar no filme «Milionário Sem Dinheiro». Tony partiu em «tournée». Senti umas saudades terríveis. E, depois, recebi aquele horrível telefonema... O pai de Tony sofrera um grave ataque cardíaco e fora levado imediatamente para o hospital. Quiseram que eu telefonasse a Tony — que nessa altura estava em Milwaukee — dizendo-lhe que se metesse num avião e viesse ver o pai. Não sabiam ao certo a gravidade da doença, nem se o meu sogro viveria ou não; fiquei aterrorizada. Não sabia como dar a notícia a Tony, mas tive que fazê-lo.

Logo que Tony soube que a mãe e o pai tinham adoecido ao mesmo tempo, abandonou as filmagens e, a meio da noite, ele, o irmão Bobby e Janet, confortaram os pais de tal maneira que, daí em diante, ninguém mais teve problemas, a não ser os da cura. Janet arcou com todo o resto — ia ao hospital, verificava se os doentes estavam bem tratados e confortáveis, tomava conta de Bobby e ensinava-lhe as lições.

Quando Janet chamara Tony pelo telefone dissera-lhe o que acontecera sem nada lhe ocultar do que ele precisava saber, mas também sem exagerar. Em casa também não houve espalhafato. Ambos sabiam o que sentiam: de que serviam as palavras? Silenciosamente, ela poupou-o de cem maneiras, evitando que as pessoas o incomodassem, pondo-lhe tudo à mão, verificando se o carro tinha gasolina suficiente, providenciando para evitar qualquer esquecimento da parte dele. Se ele queria ir para o hospital às 4 da manhã, ela não o importunava com as horas de sono ou a comida. Todas as tardes, depois do trabalho, ia ter com ele. Se a Tony apetecia falar, falava





«Fugitivos do Inferno» dá-nos Tony Curtis na figura de um fuzileiro naval que, arrostando com mil perigos, conseguia levar a cabo uma perigosa missão de guerra. Eis duas cenas do filme realizado por Stuart Heisler com Mary Murphy e Frank Lovejoy.

O casamento de Tony Curtis com Janet Leigh tornou-os ainda mais simpáticos e populares aos olhos dos cinéfilos americanos. Onde quer que eles apareçam, o público saúda-os sempre carinhosamente... Os pedidos de autógrafos partem de admiradores de todas as idades e de ambos os sexos...

com ele, se precisava de silêncio, pegava num livro para ler. À noite, comiam qualquer coisa, iam para casa e deitavam-se. Era uma maneira pouco agradável de passar a lua-de-mel, mas Tony não se queixava porque tinha a melhor esposa do mundo. A sua coragem e a sua ternura eram como braços que o envolvessem. Diante de «Bambi», uma história de animais, Janet não escondia as lágrimas. Diante das realidades, mostrava carácter. E isso não havia nada que o substituisse.

Relembrando esses tempos, Tony conta aos amigos:

— Quando Janet terminou as filmagens, o calor em Los Angeles era insuportável. Encontrei-me na rua com Howard Duff. — «Por que é que tu e Janet não vão passar uns dias na praia? Têm a minha casa à disposição».

Janet tinha uns dias de intervalo entre as filmagens de «Milionário Sem Dinheiro» e «Scaramouche» e Tony também tinha uns dias livres antes de começar «O Filho de Ali-Babá». Como o pai estava a melhorar nessa semana, ele aceitou o oferecimento de Howard e foi com Janet para Malibu. Aqueles quatro dias foram, finalmente, a verdadeira lua-de-mel por que ansiavam. Dormiam até tarde, passavam os dias na praia, nadavam. Janet e Tony recuperaram o peso perdido e engordaram até um pouco. Pela primeira vez, em muito tempo, usufruíram a tranquilidade feliz que Hollywood raras vezes consente...

Em miúdo, Tony acostumou-se a comer quando tinha fome, sem se preocupar com horários. Tomava o café da manhã e daí por diante era o que lhe aparecia à mão: um «cachorro» quente que comprava na escola, cerveja que lhe davam de graça, uma maçã ou um biscoito surripiado a algum companheiro e um par de pêssegos sujos e secos que tirava das carroças e metia nos bolsos como ração de emergência. Ao fim de duas semanas, os pêssegos adquiririam um sabor delicioso. Porém, a base da sua alimentação eram as batatas e os panqueques feitos pela mãe, que muito apreciava. Nunca sentiu fome, nunca esteve doente nem sequer com uma constipação, enquanto foi miúdo. Apreciava o seu género de comida e, fosse como fosse, desenvolveu-se a contento de todos.

Quando chegou a Hollywood, o que aconteceu? Na Universal, há um intervalo para almoçar. Se não tinha fome a essa hora ia dar um passeio. Se tinha fome, às três horas, mandava vir um «hamburgo» e estava o caso arrumado. Mas quando começou a ser convidado para festas consecutivas, as coisas tornaram-se mais difíceis. Aqueles pratos complicados, aqueles aperitivos tiravam-lhe todo o apetite. Mas não seria razoável ficar em casa a comer uma sardinha, como muitas vezes teria preferido.

Quando casou, descobriu que Janet também era daquelas pessoas que gostam de ter três refeições ao dia, e que se preocupam com o metabolismo. Estava tudo muito bem desde que ela o deixasse à vontade, e foi isso exactamente o que ela fez, pelo menos ao princípio. Até que chegou a crise...

O pai adoeceu, o trabalho afastou-o da mulher e ele perdeu peso. Apanhou a primeira constipação e o sistema desorganizou-se. Então, Janet resolveu tomar conta do assunto. Começou pela alimentação. Mostrou o interesse natural duma boa





Tony Curtis estava já casado com Janet Leigh quando a Universal o pôs a contracenar uma vez mais com Piper Laurie, no filme «Demónios sobre rodas», baseado na vida movimentada dos «ases» do volante.

esposa, mas Tony protestou veementemente. Janet apresentava-lhe os petiscos mais apetecíveis, mas ele rejeitava tudo. Ela revelou então uma paciência sem limites. «Descobriremos o que tu gostas pelo processo de eliminação»... Mas Tony eliminava tudo. Por fim, Janet perdeu a paciência, o que devia ter feito há muito. «Pois bem, come o que gostares, e se não gostares experimenta viver do ar». Nesta altura, Tony ficou apreensivo. Habituara-se a que ela se preocupasse por sua causa e esta súbita demonstração de desinteresse deu-lhe que pensar. Dar-se-ía o caso de ela já gostar menos dele? Ele reconheceu então que devia ter-se mostrado agradecido, em vez de contrariado, e, daí em diante, resolveu ser mais razoável. Janet, por seu lado, também cedeu o que pôde, e assim as coisas se foram ajustando, cada um alterando um pouco os seus hábitos para dar satisfação ao outro. Como no caso da arrumação: enquanto Janet era uma dona de casa extremamente escrupulosa, que se afligia com um grãozinho de poeira ou o mínimo objecto fora do seu lugar, Tony achava que a desordem e ele se davam às mil maravilhas. Assim, chegava a deixar a roupa que despia no meio da sala, achando o facto perfeitamente natural. Janet nada lhe dizia, mas andava atrás dele a arrumar o que ele ía deixando por aqui e por ali.

Um dia, estando muito entretido a ver um programa de televisão, Tony pediu à Janet um copo-de-água. Bebeu uns goles e pôs o copo no chão a seu lado. Daí a segundos, ao estender a mão para beber o resto, verificou, com espanto, que o copo já lá não estava. Fora Janet que o levara, claro. Pediu novo copo-de-água e repetiu-se a mesma cena. À terceira vez, Tony perdeu definitivamente a paciência, tendo-se originado uma questãozinha familiar um tanto azeda. Mas também nesse ponto chegaram a um acordo. Janet prometeu não voltar a tirar o copo antes dele acabar de beber. Tony prometeu deixar a mulher arrumar o que ele deixava em desordem, chegando a sua magnanimidade ao ponto de fazer o possível por não deixar cair a roupa suja no meio da sala das visitas.

A pouco e pouco, Tony tornou-se um rapaz muito mais civilizado, embora de quando em quando se afligisse com o excesso de actividade caseira da sua encantadora esposa. Mas, para Janet, a casa era o seu «hobby» e arranjá-la acalmava-lhe os nervos, depois de um dia de trabalho no estúdio.

Apesar de continuarem muito felizes, a vida de casados de Tony e Janet não era sempre um mar de rosas. Tinham dificuldades como todos os jovens casais, ou mais ainda, devido às exigências das suas carreiras: dificuldades de adaptação, dificuldades financeiras e, principalmente, as separações constantes a que eram forçados pelos seus compromissos profissionais, não falando na crítica e bisbilhotice a que todos os actores de Hollywood estão sujeitos. Se apesar de tudo isto o seu casamento não soçobrou foi porque o seu amor foi mais forte e ambos suberam, com inteligência, procurar a solução dos problemas que iam surgindo.

Simpático e amável, Tony aumentava as suas amizades de dia para dia. Desde o patrão aos colegas, todos eram unânimts em afirmar as suas qualidades de colaboração e franqueza, lealdade e bonomia. Sòmente se mostrava exaltado quando falava das coisas que perturbavam a sua felicidade com Janet.

— É sempre de esperar que hajam alguns boatos — queixou-se um dia — mas há



Durante as filmagens de «O Escudo Negro», o primeiro filme da Universal em cinemascope e technicolor, Tony devia abraçar Lady Anne, ou seja sua esposa Janet Leigh. Esquecendo-se de que vestia uma armadura, ele abraçou-a com ardor, deixando Janet quase sufocada. Ela voltou-se então para o realizador, exclamando: — Lá em casa ele não põe armadura...







coisas que são ridículas e inadmissíveis.

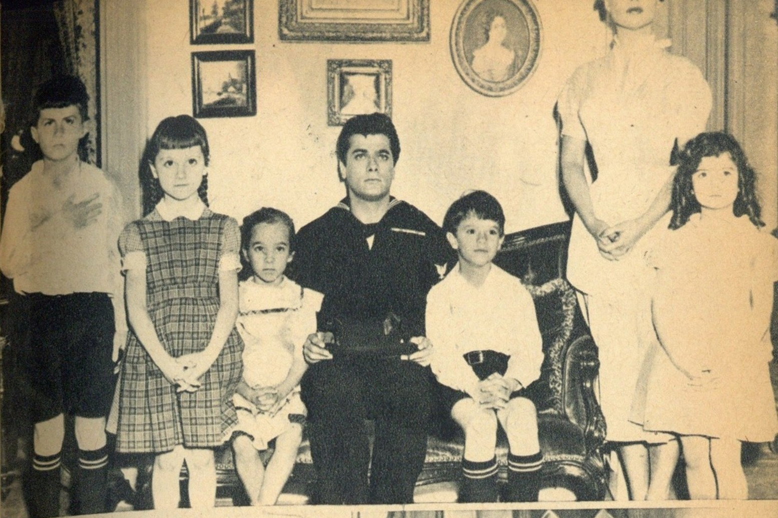
Quando pela primeira vez trabalharam juntos nas filmagens de «Houdini», Tony sofreu uma fractura num pé. Apesar das dores aceitou o convite para uma festa por não querer desapontar os donos da casa. Depois de cumprimentar as pessoas conhecidas e conversar um pouco, as dores tornaram-se tão fortes que se viu obrigado a sentar-se e descansar. Este incidente tão simples, deu lugar a muita especulação por parte da imprensa que não só afirmou que Janet lhe tinha dado um pontapé, como o seu casamento estava por um fio...

Um dos mais perigosos defeitos de Hollywood são os mexericos. De tal maneira que podem arruinar a vida de uma pessoa. Mas Tony e Janet souberam sempre colocar-se acima de todas as intrigas e comentários desonestos, traçando a si próprios uma conduta que tem resistido a todos os ataques.

Em Hollywood, é considerado normal, quando o marido ou a mulher têm que se deslocar para fora da cidade por motivo de filmagens, que o que fica saia com outra pessoa do sexo oposto.

— O facto de nós não o fazermos — explica Tony — não significa que algum de nsó tenha ciúmes ou não confie no outro. Fico em casa quando Janet está fora porque a minha mulher é a única que me interessa. Talvez seja «bota-de-elástico», mas é assim que procedem os nossos pais e por que não havemos nós de fazer o mesmo?

A ESQUERDA: Três cenas do filme «A Ponte do Destino», em que Tony contracenou com Julie Adams e George Nader. O tema do filme girava à volta de um famoso roubo de dois milhões e meio de dólares, perpetrado por um gatuno que se servia do alibi de se encontrar, à hora do crime, na companhia de um detective.



O desejo de ter um herdeiro nasceu em Janet e em Tony logo no primeiro dia do seu casamento. Durante anos, porém, esse seu desejo não conseguiu passar de um sonho, até que no ano passado, Janet deu à luz uma encantadora menina, no mês talismã do casal. Tanto Tony como Janet chegaram a Hollywood em Junho, casaram em Junho e o aniversário de Tony é em Junho. O bébé era esperado para Julho mas, como que para fazer a vontade aos seus papás adiantou-se um bocadinho e nasceu em Junho, que constitui, decididamente, um mês feliz para a família.

A chegada de Kelly Leigh foi providencial, pois deu-se numa altura em que a felicidade dos seus papás estava sèriamente ameaçada.



Depois de ter experimentado a comédia e o drama com igual desenvoltura, Tony interpretou um belo e alegre espectáculo musical «Isto é Paris», desempenhando o papel de um marujo americano à procura de aventuras fáceis... No elenco feminino destacavam-se os nomes de Glória de Haven e Corinne Calvet.



«A Máscara Vermelha» assinalou a estreia de Tony Curtis num género diferente, as aventuras de capa e espada. A novel Coleen Miller brilhou como «partenaire» do fogoso artista.

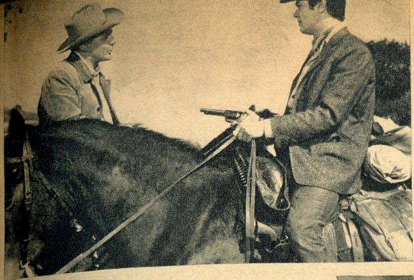
A este respeito, a conhecida jornalista Louella Parsons escreveu o seguinte:

«Em breve Janet terá o seu primeiro filho. Tenho-a visto em várias ocasiões nestes últimos meses e, em todos os anos desde que a conheço, nunca a vi mais bonita, calma e feliz. Esta é uma rapariga bem diferente da que entrevistei em Londres no verão passado, quando lá foi fazer um filme. Desapareceu a expressão de cansaço e depressão que ùltimamente a caracterizavam; desapareceu a magreza aflitiva, e o nervosismo e impaciência que se revelavam em todos os seus movimentos. Em seu lugar, há uma serenidade e satisfação que Janet nunca conheceu. Recuperou a saúde quase perdida assim como a segurança do seu casamento e do amor de Tony Curtis por ela — um amor que foi muitas vezes ameaçado pelas muitas separações que as suas carreiras lhes impunham. Nestes últimos meses, eles descobriram-se rea mente um ao outro — descobriram o se amor profundo que estiveram quase a pe der».

E concluiu:

«Sei que Tony gostaria que Janet renun ciasse à sua carreira para ser apenas a mã e esposa depois da criança nascer. Ele é o futuro papá mais orgulhoso de toda cidade».

Numa noite, pouco antes da chegada d Kelly, os Curtis estiveram numa festa com cerca de trinta casais, todos amigos ín timos. Claro que o feliz casal tratou log de encaminhar a conversa para o assunt que mais o interessava de momento. Tod insistiram em ser avisados na altura da par tida para o hospital. Depois, pensando me lhor, chegaram à conclusão de que a ideia era impraticável, pois nenhum bébé está disposto a adiar a sua vinda a este mund



O novo par cinematográfico, após o sucesso de «A Máscara Vermelha» voltou a aparecer em «Anos de Violência», uma aventura de amor vivida na época dos homens temerários e dos assaltos aos casinos flutuantes.

até que se façam trinta chamadas telefónicas. Decidiram então organizar uma cadeia — Tony falaria para o primeiro da lista, este por sua vez para o segundo e assim sucessivamente, até que todos fossem informados da boa nova.

Foi assim que tudo ficou planeado, mas na realidade as coisas passaram-se de maneira um pouco diferente.

Aconteceu a um sábado. Tony e Janet tinham ido ao cinema, chegando a casa bastante tarde. Tony foi direito à cama, adormecendo instantâneamente, enquanto a esposa escovava o cabelo e punha creme na cara. Sùbitamente, Janet apercebeu-se do que estava para acontecer. Sem hesitar acordou o marido, dizendo-lhe que tinha chegado a hora H.

De todas as outras vezes em que houvera falso alarme, Tony levantara-se precipitadamente, muito solícito e cheio de cuidados com a esposa. Dessa vez, porém, limitou-se a resmungar qualquer coisa e a virar-se para o outro lado, continuando a dormir profundamente.

Janet ainda tentou adormecer, mas sem resultado. Por fim, às 6 horas da manhã, telefonou à médica, pedindo-lhe que fosse para o hospital. Só então acordou o marido, que entretanto gozara os benefícios de um sono reparador. Quando Tony



se compenetrou realmente do que estava para acontecer, vestiu-se em três tempos e correu escadas abaixo, direito ao telefone. Janet calculou que tivesse ido fazer a chamada inicial da lista. Só dias mais tarde veio a saber que tinha feito as trinta! E não ficara por aí! Estàticamente, continuara a ligar para todas as pessoas cujo nome lhe vinha à cabeça, até ao momento em que Janet desceu para abrir a porta à médica.

A pequena Kelly Leigh chegou nessa mesma tarde, sem novidade. Tony foi amparado nos momentos mais difíceis pela multidão de amigos que acorreu ao hospital.

Janet restabeleceu-se depressa, num ambiente de excitação e alegria: montes de visitas, flores e presentes. Tony passava com ela todos os momentos disponíveis, para o que tinha de percorrer longas distâncias de automóvel, umas poucas de vezes ao dia, abalando de casa, em Beverly Hills, para o hospital em Santa Mónica e daí para os estúdios da Universal, em Hollywood, onde estava a trabalhar no filme «Mister Cory».

Alguns dias depois, com Kelly nos braços e Tony à sua volta espreitando ansiosamente, Janet foi para casa. A «nurse» que tinham contratado fora chamada ao hospital para uma operação de urgência e não foi possível arranjar substituta de um momento para o outro.

Os Curtis olharam-se por instantes e resolveram que duas pessoas adultas eram perfeitamente capazes de tomar conta de um serzinho minúsculo sem precisarem de ajuda. Além disso, Tony frequentara um curso de preparação para futuros papás e Janet assistira no hospital a uma demonstração de arte de pôr e tirar fraldas.

Os dois recordam agora esses dias em que tiveram Kelly só para eles, a todos os instantes, como os mais felizes de toda a sua vida.

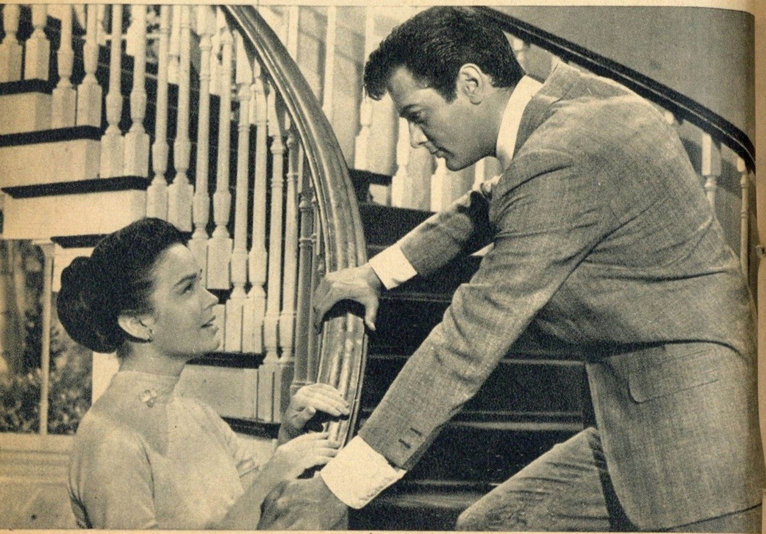
— Pouco dormimos nesses dias, contou Janet, mas não sentimos a falta. Passávamos horas esquecidas a olhar a nossa filhinha, a observar os seus mínimos gestos e expressões, verificando, muito mais do que seria necessário, se as fraldas não acusavam novidade.

E, prosseguindo, disse com certa ironia:

— Nessa questão das fraldas, eu mostrei-me bastante desajeitada de princípio, mas o meu marido tomou isso a seu cargo, ensinando-me o que tinha aprendido na escola. Na primeira noite, quando Kelly chorou, Tony pegou nela e andou a passeá-la de um lado para o outro. Estou convencida de que não era necessário, mas Tony achou que isso fazia parte integrante do seu novo papel de pai.

Continuando a sua explicação, enquanto pousava o braço sobre o ombro do seu marido, ela apressou-se a dizer:

«Um aventureiro audaz regenerado pelo amor» — eis como um crítico definiu a história de «Mister Cory». Neste filme, Tony pôde evidenciar a grande altura as suas extraordinárias qualidades dramáticas, ao lado de Martha Hyer. Outros nomes do elenco: Charles Bickford, Kathryn Grant, William Reynolds e Russ Morgan.





Um dos últimos filmes de Tony Curtis, «Dez segundos de silêncio», foca, como o próprio título sugere, o mesmo tema de «Dupla Vitória»: o pugilismo. Contracenam com Tony, a bela Pat Crowley e o grande actor Ernest Borganine







«The Midnight Story» (ainda sem título em português) dá-nos Tony numa interpretação entre romântica e violenta, amado por Marisa Pavan e odiado por Gilbert Roland.

— Os conhecimentos de Tony em matéria de bebés — soube-o depois — não foram apenas adquiridos na escola, pois aos quinze anos, quando o irmão Bobby nasceu, Tony foi um auxiliar precioso para a mãe. Por esse motivo os recém-nascidos não lhe metem medo e creio que neste ponto a sua calma foi contagiosa. Como é normal em todos os papás babosos, eu e Tony passámos horas esquecidas, tentando descobrir com quem Kelly se parecia. Já sabem o costume, Tony recua uns passos, como um artista, olha para ela e diz: «Tenho a impressão que ela se parece um tanto contigo, querida». Eu, que sei perfeitamente o que ele espera, respondo: «Não, querido, decididamente o queixo e a boca são iguaizinhos aos teus». O meu marido incha de contentamento e cora. Começa a dizer: «N-a-ão» e por fim desiste. «Achas isso realmente?». «Com certeza, querido», digo eu. Ele fica radiante e pega na filha, contemplando-a a distância. Por fim conclui, com fingida resignação: «Um Tony Curtis de cabelo louro? Pobre criança!».

Pessoalmente, Janet espera que assim seja!...

E assim este casal feliz viu todos os seus desejos realizados: além da fama e fortuna, uma Kelly Leigh pequenina e loura que veio fortalecer o amor dos seus jovens papás, unindo-os mais ainda com a sua querida presença durante anos tão ansiosamente esperada.

Para cúmulo, Tony Curtis foi recentemente eleito o astro mais popular do ano, o favorito do público!

E apesar de tudo isto, Tony sabe continuar a ser o mesmo rapaz simples, franco e entusiasta a quem o êxito não subiu à cabeça. Apenas mais ponderado, mais seguro de si próprio, e com uma cultura que lhe abriu novos horizontes, dando-lhe uma visão mais larga da vida e dos homens... e das mulheres, claro. Agora, para mais, que são duas lá em casa!





Em 1957, Tony Curtis recebeu o prémio do mais popular actor do ano, atribuído pela Associação de Imprensa Estrangeira, depois de um escrutínio realizado pelos jornais, rádio e televisão dos Estados nidos. Este trunfo, assinalando os méritos artísticos de Tony Curtis de maneira insofismável, não suscitou a Janet quaisquer ciumes. E ela sorri para o «Globo de Oiro» com alegria infinita, porque o que um ganha ao outro pertence...



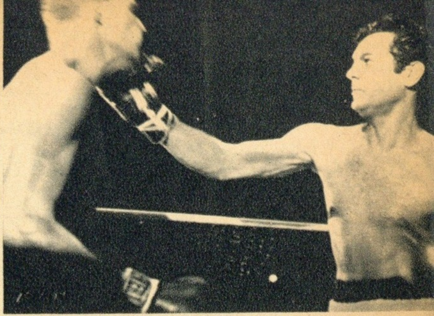
Ton alcançou agora a meta da felicidade. Ele tem uma carreira brilhante, uma mulher adorável e o bebé mais encantadr do mundo.

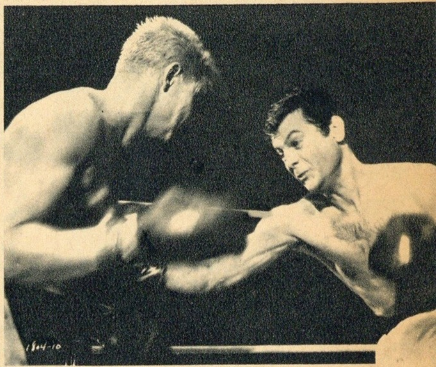
Filmes de TONY CURTIS

ANOS	TÍTULOS PORTUGUESES	TÍTULOS ORIGINAIS	ARTISTAS
949	**Dupla Traição**	Criss Cross	Yvone de Carlo e Burt Lancaster
		City Across the River	Stephen Mc Nally e Thelma Ritter
	Johnny, o Denunciante	Johnny Stool Pidgeon	Shelley Winters, e H. Duff
	Francis, o Macho que Fala	Francis	D. O'Connor e Patrícia Medin
950		Sierra	Audie Murphy e Wanda Hendrix
	Passei por Cadastrado	I Was a Shoplifter	Scott Brady e Mona Freeman
	Winchester 73	Winchester 73	James Stewart e Shelley Winters
		Kansas Raiders	Andre Murphy
951	**O Príncipe Ladrão**	The Prince Who Was a Thief	Piper Laurie
	O Filho de Ali Bábá	Son of Ali Baba	Piper Laurie
952	**Dupla Vitória**	Flesh and Fury	Mona Freeman e Jan Sterling
953	**O noivo não tem quarto**	No Room For the Groom	Piper Laurie
	O Grande Mágico	Houdini	Janet Leigh
	Amor Proibido	Forbidden	Joanne Dru
		The All American	Lori Nelson
954	**Fugitivos do Inferno**	Beachhead	Mary Murphy
	Demónios sobre rodas	Johnny Dark	Piper Laurie e Don Taylor
	O Escudo Negro	The Black Shield of Falsworth	Janet Leigh
	Isto é Paris	So This is Paris	Corinne Calvet e Gloria de Haven
	A Ponte do Destino	Six Bridges to Cross	George Nader e Julie Adams
955	**A Máscara Vermelha**	The Purple Mask	Coleen Miller
	Anos de Violência	The Rawhide Years	Coleen Miller
	Dez segundos de silêncio	The Square Jungle	Pat Crowley e Ernest Borgnine
	Trapézio	Trapeze	Burt Lancaster e Gina Lollobrigida
956	**Mister Cory**	Mister Cory	Martha Hyer e Katherine Grant
		The Midnight Story	Marisa Pavan
957		The Vickings	Janet Leigh
		Sweet Smell of Sucess	
		Kings Go Forth	
958		The Perfect Furlough	

UMA LIÇÃO DE BOXE

por Tony Curtis







Sem nunca ter pisado um ringue profissional, Tony Curtis sabe o suficiente de pugilismo para poder competir com muitos «boxeurs» profissionais. Ele já interpretou duas vezes (em «Dupla Vitória» e «Dez segundos de silêncio») a vida desses homens que lutam ferozmente sob os olhares de um público ávido de ver sangue... Tony conhece não só esse meio social como também os truques e os processos usados pelos pugilistas. Eis porque ele dispensou, nos dois filmes citados a sua substituição por um «duplo», como acontece com outros actores em casos semelhantes...

enquanto esperamos por outro bebé...



Janet pratica o método do parto sem dor, sob o olhar vigilante de Tony, que segue as instruções pelo livro





A minha carreira já não significa, para mim, o mesmo que antes. O importante, agora, é ter uma família feliz e bem constituída. Meu marido, Tony Curtis, e nossa filhinha, Kelly Lee, têm primazia sobre todas as coisas.

Os jornalistas têm-me perguntado muitas vezes se Tony e eu tencionamos aumentar a família. Falando com toda a sinceridade, sim; Acabamos de comprar uma espaçosa casa de quatro quartos em Beverly Hills, nas adjacências de «Picfair», a antiga mansão de Mary Pickford e Douglas Fairbanks, e os operários já a têm quase em condições de ser ocupada.

Ao se espalhar a notícia de que havíamos adquirido essa casa, fomos bombardeados com perguntas, todas relacionadas com bebés. Indagavam se o nosso gesto implicaria em mais espaço para novos filhos, se teríamos mais alguma sala de brinquedos, etc., etc.. Respondemos que sim, e que a nossa intenção era povoar a casa... bem breve! De facto, aqui vai um segredo: se tudo correr bem, a cegonha visitar-nos-á novamente lá para o fim do ano.

por Janet Leigh

Tony e eu sentimo-nos tão felizes por termos Kelly, que desejamos ter outros iguais a ela. Quando Kelly e eu saímos juntas, às vezes eu lhe compro um vestido novo ou uma roupinha qualquer para andar em casa, e levo-a a uma confeitaria para tomar sorvete. Mas... quando é Tony quem sai com ela, a coisa é diferente: quando os dois voltam para casa, vêm carregados de brinquedos, roupas e bonecas!

Ainda há dias, eles saíram juntos e foram fazer umas «comprinhas» numa loja de brinquedos de Beverly Hills conhecida pelo nome de «Uncle Bernie's» (O tio Bernie). Ao voltarem, o carro vinha vergado ao peso dos brinquedos que Tony havia comprado para ela. Por vezes, chego a pensar que é meu marido quem está sustentando a loja!...

Há, porém, uma coisa que eu ainda não pude compreender: por que será que Tony gosta tanto de fazer compras para Kelly e, no entanto, sempre me encarrega de todas as suas compras pessoais?

A regra da casa é levar Kelly connosco aonde quer que nós vamos. Evidentemente, Tony e eu não a levamos quando vamos dançar ou jantar fora; mas não temos coragem de deixá-la quando fazemos uma longa viagem.

Muitos de nossos amigos nos advertiram quanto à inconveniência de levarmos à Europa um bebé de um ano, quando, no ano passado, lá estivemos para a filmagem de «The Vikings». Kelly, porém, foi connosco, e lucrou imenso com a viagem. Voltou ainda mais sadia, e feliz como nunca!

Quase dá medo vê-la rodar pela casa. Parece até uma bailarina: sendo uma autêntica «fan» do «hi-fi», chega a aventurar uns passinhos de dança quando, naturalmente, pensa que ninguém a está olhando. Ela tem apenas dois anos de idade, e, se me não engano, possui real talento musical.

O seu companheiro permanente é Merci, um pequenino cão francês. Os dois brincam ruidosamente pela casa toda e, enquanto Kelly faz a sua sesta diária, Merci deita-se pacientemente debaixo da cama, e de lá só sai quando ela acorda.

Não obstante a sua idade ser de apenas

Embora casados há 7 anos, Tony e Janet continuam a viver em plena lua-de-mel...





um ano por ocasião da nossa viagem à Europa para a filmagem de «The Vikings». Kelly saboreou cada minuto passado no navio, não enjoando uma só vez durante toda a longa travessia. Davamos, diàriamente, uma volta pelo convés, e Kelly invariàvelmente puxava conversa — ou, pelo menos, tentava puxar conversa — com todos os passageiros que ela encontrasse estendidos nas espreguiçadeiras de bordo. Logo ao primeiro dia, ao ver o mar, ela exclamou radiante: — Banho, banho!

Quando eu estou fazendo algum filme, quem se ocupa de Kelly é um casal de suecos recentemente contratado por nós em substituição da governanta inglesa que estava ao nosso serviço, e que se viu obrigada a voltar para ao seu país por haver expirado o seu visto de permanência nos Estados Unidos.

Tony e eu depositamos nesse casal a máxima confiança e, quando nos afastamos de casa para algum fim de semana, não levamos no espírito a menor preocupação, o que enche de reconhecimento o meu coração de mãe. Temos, também, uma cozinheira americana que nos prepara deliciosas iguarias. É uma criatura de meia-idade, extremamente agradável, capaz, ela também, de, durante a nossa ausência, fazer por Kelly o que for necessário.

Depois de nos termos mudado para a nossa nova residência — o que, agora, se poderá dar a qualquer momento — os nossos três auxiliares domésticos terão os seus aposentos próprios, o que certamente lhes proporcionará muito maior conforto.

Como, felizmente, não estou, no momento, trabalhando em filme algum, tenho a possibilidade de dedicar à casa nova a maior parte do meu tempo. Tony e eu terminámos, recentemente, «The Perfect Furlough» para a Universal-International, e Tony está actualmente filmando «The Defiant Ones», para Stanley Kramer. O pa-



pel que ele representa nessa película é o de um perigoso condenado e fiquei impressionada ao vê-lo voltar a casa, após o primeiro dia de filmagem, com os cabelos cortados mais rentes do que nunca. Tive até vontade de chorar. Mas Tony está empolgado pelo papel, achando-o dos mais vigorosos que ele jamais fez.

Desde que Tony e eu fizemos «The Vikings», todos querem saber se voltaremos brevemente a trabalhar juntos. A nossa resposta, porém, é negativa. Não desejamos que isso aconteça com muita frequência — não nos parece aconselhável.

Tony está pensando em produzir um filme cujo argumento já está em seu poder. Chama-se «Beach Boy», e gira em torno de um aventureiro no Havaí. Será, provàvelmente, o seu próximo trabalho. Quanto a mim, não tenho nenhum plano definido para o futuro — se bem que Kirk Douglas já me tenha falado sobre a possibilidade de co-estrelar com ele dois filmes para a «Bryna Productions» sua companhia particular, nada de positivo foi ainda estabelecido.

No momento, o que, para mim, importa, acima de tudo, é ser uma boa esposa e uma boa mãe.

FIM



N. 28

PREÇO 2$00